

Matilha

Stela derrama-se em palavras feitas de instantes, sem começo, sem fim, à medida do próprio fôlego. Arrisca-se à desconexão, aceita o fragmento do que acontece, como exercício de vida. Esse risco, que nossa linguagem comum descarta, a região da desrazão traz à tona constantemente.

Exemplo nesse sentido são os protestos de Artaud contra a letra morta, acusando-a de ter se afastado da carne e do sopro, reprimindo o grito e a possibilidade de uma voz ainda inorganizada. Também vale lembrar Roussel lido por Foucault, este “louco de literatura” mais que um louco literário.

Posso dizer que Stela tem esse fascínio pela matilha – de que nos falam Deleuze e Guattari –, pela multiplicidade.

É quadrilha exército povoado Bloco médico escoteiros bandeirantes Isso é família
 porque é família é família
 Tudo é família Você não é família
 (...) Família é quadrilha exército povoado Bloco médicos escoteiros bandeirantes
 Corpo de bombeiros quadrilha exército. Povoado bloco médico corpo de
 bombeiros
 (PATROCÍNIO: 2001, p.130)

Ela se deixa contaminar por afetos, suas falas são atravessadas por estranhos devires que não são devir-escritor, mas devir-rato, devir-inseto, devir-lobo. Todo afeto é a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu. Nesse sentido o escritor é sempre *feiticeiro*. Para se entender melhor, cito o que dizem Deleuze e Guattari em relação à Virgínia Woolf: “...não se deixa viver como um macaco ou um peixe, mas como uma penca de macacos, um cardume de peixes, segundo uma relação de devir variável com as pessoas das quais ela se aproxima” (DELEUZE: 1999, p.20). Stela é povoada de seres que são ela mesma, porém diferentes dela.